

A MISSÃO HOJE: CONSCIÊNCIA E DESAFIOS

Prof. Dr. Nilo Agostini¹

Texto publicado na Alemanha: Mission heute Bewusstsein und Herausforderungen. In: Richard Brosse; Katja Heidemanns. (Org.). *Für ein Leben in Fülle. Visionen einer missionarischen Kirche*. 1 ed. Freiburg i. Br.: Herder, 2008, p. 192-203.

Cresce a consciência, nas últimas décadas, da missão que brota do seguimento de Jesus Cristo, suscitada já na graça do batismo. Ela se realiza em meio aos desafios de nosso tempo, cientes de que este é para nós o tempo da graça de Deus. Trata-se de uma vocação! O chamado que nos é feito aponta-nos para o momento de uma real fecundidade e uma profunda alegria na realização da missão.

O eixo central desta missão reside na evangelização. Assim, este momento que nos é dado viver constitui-se numa oportunidade ímpar para reassumir com vigor o seguimento de Jesus Cristo e a urgência da evangelização. Ressoam fortes as palavras do apóstolo Paulo: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim. É, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim se não evangelizar!”²

Evangelizar não é senão a tomada de consciência da missão que Cristo confiou à Igreja. Importa reavivá-la em nossa vida, recordando com novo ardor a vocação própria de toda a Igreja. Como isto se realiza no concreto de nossa história, importa, igualmente, “considerar com realismo as mudanças que estão ocorrendo, para nelas discernir os ‘sinais dos tempos’ e os apelos de Deus, que nos chama a criar *novas expressões* e a buscar *novos caminhos* na missão de encarnar o Evangelho nas novas realidades culturais e sociais”³.

Para nós, franciscanos e franciscanas, esta “missão de evangelizar” constitui-se na parte central da “forma de vida” que herdamos de São Francisco de Assis. Importa voltar sempre de novo ao segredo que o alimentava e ao impulso que o fazia caminhar. Sabemos como Francisco, entusiasmado no Espírito de Deus pelas palavras do Evangelho exclamou: “É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que eu desejo fazer de todo o coração”⁴.

1. Na escuta atenta do Espírito do Senhor...

¹ Frei Nilo Agostini é frade franciscano (OFM), sacerdote, doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França, professor de Teologia Moral e/ou Ética Cristã. Frei Nilo foi Presidente da Conferência Internacional das Instituições Católicas de Teologia (COCTI), que é um grupo setorial da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC), de 2004 a 2008.

² Cf. 1Cor 9,16.

³ Cf. CNBB – XXXVII Assembléia Geral, *Diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 1999-2002*, col. “Documentos da CNBB” n° 61, São Paulo, Ed. Paulinas, 1999, n° 10, p. 14s.

⁴ *1Cel 22*.

A missão realiza-se à medida que nos colocamos na escuta atenta dos apelos de Deus neste momento que nos é dado viver. Não há como fugir deste tempo e do lugar onde concretamente vivemos, pois é neles que vivemos a graça de Deus. Imbuídos da inspiração de Francisco de Assis, sentimos o apelo de percorrer, num tempo e espaço determinados, os caminhos na escuta do “Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar”⁵.

Conhecer as situações nas quais se encontram os homens e as mulheres é o primeiro passo para perscrutar as interpelações de Deus. Aqui subentende-se uma pessoa de fé que tem no encontro com Deus a experiência fundante. Nada escapa desta experiência; todas as coisas e acontecimentos passam a ser contemplados na itinerância de quem, no coração da história, apreende a presença secreta de Deus, contempla os sinais do Espírito, discerne as sementes do Verbo.

Existe, na base da missão, uma respeitosa ausculta da revelação de Deus que se dá tanto no “espelho” das criaturas quanto nos seus “desígnios” e “sinais” no seio da história humana. A atitude alimentadora é aquela que se abre “às sugestões interiores do Espírito”, capaz, inclusive, de “elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo atual. São solicitações divinas, que só almas habituadas a procurar em tudo a vontade de Deus conseguem captar fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes seja com o carisma originário, seja com as exigências da situação histórica concreta”⁶.

Trata-se de saber captar os “sinais dos tempos”, tendo por fundamento a experiência de fé, na certeza de que “o Espírito sabe dar as respostas apropriadas mesmo às questões mais difíceis”⁷. Não há nada que deixe de merecer a nossa atenção, porque tudo está atravessado pelo desígnio de Deus e banhado por seu Amor. Instaure-se, assim, a comunhão; tudo faz-se ressonância; o universo inteiro emerge em sua eloquência; a história deixa-se ler, na transparência, até na mais secreta senda do Senhor.

Cai por terra todo dualismo. Não resiste uma vida dividida em compartimentos⁸. A contemplação que se dá na itinerância de nosso dia-a-dia nos remete para uma relação integral, na qual todos os seres são incluídos. Fazemos a experiência de uma profunda unidade de vida. Descobrimo-nos parte de uma comunhão que une a criatura ao Criador e vincula todos os seres numa sincronia de relações. Tudo se inclui como pólo de uma mesma expressividade. A própria ação não exclui a contemplação, antes uma remete à outra constantemente, numa inclusão que as torna realmente fecundas.

2. Somos missionários!

⁵ RegB 10,8.

⁶ JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica 'Vita Consecrata'*, col. Documentos Pontifícios n° 269, Petrópolis: Vozes, 1996, n° 73.

⁷ *Ibidem*, n° 73.

⁸ Cf. STEINER, M., “Acción y contemplación según los escritos de San Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 22 (1979), p. 117-131.

A recente evolução histórica da Igreja levou a firmar uma nova consciência da “missão”. O Concílio Vaticano II exerceu forte impulso, sendo pouco a pouco aprofundado e melhor explicitado. Realiza-se uma “virada” na compreensão da ação missionária. A idéia de “missões” em terras distantes dá lugar à compreensão de uma “única missão” para toda a Igreja, sendo fundamental a afirmação de que toda a Igreja é missionária e que, por isso, a missão faz parte da natureza mesma da Igreja (cf. AG 2)⁹.

A grande tomada de consciência foi a da natureza missionária de toda a Igreja. Superamos a distinção entre “países de cristandade” e “países de missão”. Com isso, queremos dizer que a Igreja toda está a serviço da missão. Ficou também claro que a Igreja se define a partir da missão de Cristo que, por sua vez, possui como foco central o anúncio do Reino de Deus. No seguimento de Jesus, a Igreja sente-se chamada a continuar a obra evangelizadora de Jesus. Por meio de palavras e sinais, proclama a vinda do Reino e busca torná-lo presente na história humana.

“O impulso missionário pertence à natureza íntima da vida cristã”, diz-nos João Paulo II na *Redemptoris Missio* (nº 1). “A ação missionária não é um luxo de Igrejas que abundam em recursos e pessoal, mas é a dimensão essencial da própria eclesialidade. Temos que repartir da nossa pobreza”, lembra a Igreja da América Latina no documento de *Puebla* (nº 1158)¹⁰. Ser Igreja é estar em missão. Ser batizado é ser missionário. “Está-se afirmando uma nova consciência, isto é, que a missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais”¹¹.

“Se numa época recente, a Missão parecia ser algo específico de grupos ou segmentos determinados do Povo de Deus (padres, religiosas e religiosos), hoje está nascendo uma consciência clara que a evangelização é tarefa de todos, e, de maneira especial, dos leigos”¹². Aqui está certamente um dos elementos que temos que tomar mais consciência, pois nos situamos dentro da Igreja a serviço de sua missão, que assumimos como pertencente a todo batizado.

Dentro do âmbito da única missão da Igreja, podemos distinguir situações específicas e diferenciadas¹³, com relação à missão:

⁹ O Decreto *Ad Gentes* precisa ser compreendido no contexto da Constituição *Lumen Gentium* (sobre a Igreja), da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo de hoje), da Declaração *Nostrae Aetate* (sobre as religiões não-cristãs).

¹⁰ Trata-se do documento da III Conferência Geral dos Bispos Latino-Americanos realizada em Puebla de los Angeles, México, nos dias 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979.

¹¹ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, col. “Documentos Pontifícios”, nº 239, Petrópolis, Ed. Vozes, 1991, nº 2, p. 8.

¹² Subsídio para o Ano Missionário (22/05/1994 a 23/07/1995) em preparação ao V Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA V, 18 a 23 de julho de 1995), nº 25.

¹³ Cf. JOÃO PAULO II, *op. cit.*, nº 32.

- “a **missão *ad gentes*** ou a atividade missionária específica, que se dirige a povos, grupos humanos e contextos sócio-culturais onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos e faltam comunidades cristãs amadurecidas;
- **a ação pastoral** junto às comunidades eclesiais solidamente estruturadas e empenhadas no testemunho do Evangelho, tanto em seu ambiente como na missão universal;
- **a situação intermediária** onde, apesar do trabalho de evangelização já feito, às vezes por muitos séculos, o sentido vivo da fé foi perdido e torna-se necessária uma ‘nova evangelização’”¹⁴.

3. Missão de evangelizar

Com a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, fomos dotados de um texto denso, amplo e de especial vigor sobre a evangelização. Ele prolonga, completa e amplia o Decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II. Esta exortação cristaliza na Igreja uma grande redescoberta¹⁵.

Paulo VI conseguiu dar à evangelização um fundamento doutrinal consistente. Sublinhou que a *missão de evangelizar* “constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (cf. *EN* 14, 15). A Igreja nasce da missão de Jesus, é enviada por Ele; “é exatamente toda a sua missão e a condição de evangelizador, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar” (*EN* 15). Vemos como a missão não é definida a partir da Igreja, mas a Igreja a partir da missão de Jesus Cristo. A Igreja, portanto, encontra sua razão de ser na realização desta missão¹⁶.

Ao pregar o evangelho, sabemos como Jesus, por sua vez, não pregou a si mesmo, mas pregou o Reino de Deus. Encontramos 123 vezes a menção “Reino de Deus” nos evangelhos; ela aparece 90 vezes na boca de Jesus. “O Reino de Deus constitui o ponto fundamental da pregação e ação de Jesus... Este Reino estabelece um novo relacionamento filial dos homens com o Pai e um relacionamento fraterno com os outros..., diz respeito às pessoas, às estruturas, à sociedade, ao mundo inteiro”¹⁷. Isto significa que a evangelização

¹⁴ COMLA V, *O Evangelho nas culturas - Caminho de vida e esperança (texto-base)*, Pontifícias Obras Missionárias/Conferências Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, 1994, p. 37-38.

¹⁵ Cf. LÓPEZ-GAY, J., *Evolución histórica del concepto de ‘Evangelización’*, em DHAVAMONY, M. (edit.), *Évangélisation*, col. “Documenta missionaria” n° 9, Roma, Pont. Univ. Gregoriana, 1975, p. 161-190.

¹⁶ Na América Latina, desde a II Conferência Geral dos Bispos, em Medellín, em 1968, a Igreja já vinha dando um destaque à evangelização, sobretudo na III, na IV e na V Conferências Gerais dos Bispos, em Puebla (1979), em Santo Domingo (1992) e em Aparecida do Norte (2007). Neste Continente, quase todas as Conferências Episcopais nacionais foram paulatinamente assumindo a evangelização como referência-pivô para exprimir a missão da Igreja no pós-Vaticano II, sendo o veio central no qual se apóia todo o trabalho pastoral e as respectivas diretrizes gerais.

¹⁷ CNBB, *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil - 1991-1994*, col. “Documentos da CNBB” n° 45, São Paulo, Ed. Paulinas, 1991, p. 33s, n° 41-43.

se realiza *pelos caminhos da história*, ciente dos laços profundos existentes entre evangelização, promoção humana, desenvolvimento e libertação¹⁸.

Com isso, fica claro que a evangelização não se realiza fora de nosso tempo ou fora da história, mas está em constante relação com os “sinais dos tempos”. Aí encontram-se, hoje, as interpelações de Deus que constituem-se no lugar da experiência de fé, um verdadeiro “lugar teológico”¹⁹. A necessidade de uma permanente escuta e leitura dos sinais dos tempos brota da convicção de que “não podemos dissociar o plano da Criação e o plano da Redenção”²⁰, sendo um dever de todos participar na promoção humana, combater as situações concretas de injustiça e promover a justiça e a paz.

Ao mesmo tempo, “só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar”²¹. “Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma” (cf. *EN 15*). Com isso, vemos sublinhada a necessidade da Igreja ser evangelizada se ela quiser conservar o alento, a força e sua credibilidade no mundo de hoje; isto significa dispor-se a uma conversão e renovação constantes. Não poderá haver *anúncio* credível se não houver uma *vida* que se faz *testemunho* vivo e anúncio primeiro do que é pregado.

Desde a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, soa muito forte e de maneira decisiva a consciência de que a Igreja “existe para evangelizar” (nº 14). Aí está a sua “missão essencial”²². O cuidado passa a ser, então, de não cair numa definição parcial e fragmentária para “dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização”, resguardando, “numa visão de conjunto, todos os seus elementos essenciais”²³.

Com o intuito acima expresso, a *Evangelii Nuntiandi* teve o cuidado de ampliar o conceito de evangelização ao afirmar: “Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a palavra de Deus e com o desígnio da salvação”²⁴. Esta noção ampla não dirime o fato de que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da

¹⁸ Cf. CELAM - IV Conferência Geral dos Bispos, *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã (Documento de Santo Domingo)*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1992, nº 157; cf., também, PAULO VI, *Exortação apostólica “Evangelii Nuntiandi”*, 6ª edição, col. “Documentos Pontifícios” nº 188, Petrópolis, Editora Vozes, 1984, nº 31.

¹⁹ Cf. CELAM - II Conferência Geral dos Bispos, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio (Conclusões de Medellín)*, 7ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1980, doc. 7, § 13; cf. *Documento de Santo Domingo*, nº 164-209.

²⁰ Cf. *Documento de Santo Domingo*, nº 157.

²¹ *Ibidem*, nº 23.

²² Cf. PAULO VI, *Exortação apostólica “Evangelii Nuntiandi”*, *op. cit.*, nº 14; Sínodo dos Bispos de 1974, “Evangelização no mundo de hoje - Declaração final”, *SEDOC*, 7 (1974/75), p. 736, nº 4.

²³ Cf. PAULO VI, *Exortação apostólica “Evangelii Nuntiandi”*, *op. cit.*, nº 17.

²⁴ *Ibidem*, nº 19.

humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade”²⁵.

4. Os novos areópagos

Com o avanço da modernidade e da pós-modernidade, vamos tomando consciência de novos desdobramentos da missão de evangelizar. As numerosas transformações ocorridas nas últimas décadas repercutiram fortemente sobre o quadro missionário²⁶. As sociedades pluralistas e policêntricas de nossos dias vivem sem ou fora da unanimidade sócio-cultural-religiosa que as marcava até bem pouco tempo. Esvaziam-se os referenciais cristãos. Criam-se verdadeiros bolsões de populações descristianizadas ou pós-cristianizadas²⁷. As grandes concentrações urbanas, cuja população já não está mais em contato tão direto com a Igreja, também muito influenciaram neste processo.

“Hoje ‘reproduz-se no mundo a situação do *Areópago de Atenas*’²⁸. Este pode ser encontrado tanto nas sociedades descristianizadas ou pós-cristianizadas quanto nas grandes concentrações urbanas. Pode ser identificado também na emergência de projetos ‘alternativos’ em nossas sociedades, bem como numa multiplicidade de campos e ambientes da atividade humana”²⁹. Como São Paulo, precisamos ir também para os novos Areópagos anunciar o Evangelho, “usando uma linguagem adaptada e compreensível àquele ambiente!”³⁰. Esta nova situação repercute diretamente na missão de evangelizar.

Compreendemos, então, as palavras do documento *Encher a terra com o Evangelho de Cristo*, do ex-Ministro Geral OFM Frei Hermann Schalück, onde está escrito: “Se no passado a atividade missionária realizava-se sobretudo em regiões isoladas, longe dos centros urbanos, hoje ela deve ser repensada em vista sobretudo dos grandes centros urbanos. Em não poucos países, mais da metade da população vive em algumas megalópoles”³¹.

Estes novos areópagos não reproduzem mais a linguagem da Igreja; têm linguagem própria. Podem situar-se “nos vários campos da civilização contemporânea e da cultura, passando pela política e a economia”³². Destaca-se o mundo da comunicação. João Paulo II, na *Redemptoris Missio* (n. 37), lembra que existem estes e tantos outros “setores a serem

²⁵ Cf. *ibidem*, nº 18.

²⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, *op. cit.*, nº 173.

²⁷ Cf. IDEM, *Carta apostólica “Tertio Millennio Adveniente”*, 2ª edição, col. “Documentos Pontifícios” nº 262, Petrópolis, Editora Vozes, 1996, nº 172.

²⁸ *Ibidem*, nº 57.

²⁹ SCHALÜCK, H., “*Encher a terra com o Evangelho de Cristo*”. *O ministro Geral aos frades menores sobre a evangelização: da tradição à profecia*, Roma, OFM, 1996, nº 171.

³⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, *op. cit.*, nº 37.

³¹ SCHALÜCK, H., *op. cit.*, nº 173.

³² Cf. *ibidem*, nº 174.

iluminados pela luz do Evangelho”, enumerando também “o empenho pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo o das minorias; a promoção da mulher e da criança; a proteção da natureza”. E o documento *Encher a terra com o Evangelho de Cristo* acrescenta: “Muitos projetos alternativos, que buscam redimensionar os valores vitais e os eixos básicos da vida humana, os movimentos sociais e o resgate da ética estão entre os areópagos que precisamos valorizar em nossos dias”³³.

O mesmo documento do ex-Ministro Geral Frei Hermann Schalück alarga o sentido acima, lembrando-nos o seguinte: “Outros, ainda, podem ser os areópagos, segundo os ambientes e as regiões. As universidades, os centros de pesquisa, a produção artística, a participação em debates públicos podem ser, entre tantos outros, lugares de anúncio do Evangelho. Não se trata de sermos necessariamente os donos dos distintos areópagos, mas de marcar presença neles e sabiamente ir inculturando o Evangelho. Nesse empenho, será necessário um discernimento, com o devido respaldo moral e ético”³⁴.

5. Por um anúncio ético-profético em favor da vida

À medida que vamos avançando no terceiro milênio, tomamos consciência da urgência de desdobrar ainda mais a missão evangelizadora. Urge proclamar com toda força o Evangelho da Vida, num grito ético-profético em favor da Vida³⁵. Muitas são as ameaças que pairam no cenário de nossos dias, espalhadas por toda a sociedade. Somos convidados a uma solicitude em favor da vida de cada ser humano, sem descuidar de toda a criação.

Esta consciência veio tomando forma já no decorrer do século passado, tendo sido claramente afirmada no Concílio Vaticano II, que deplorou “tudo quanto se opõe à vida... e tudo quanto ofende a dignidade humana”³⁶. O panorama é, sem dúvida, inquietante, haja vista a manipulação do progresso científico e tecnológico com novos e refinados atentados contra a vida³⁷. Aqui mostra-se toda a ambivalência do ser humano, que pode realizar maravilhas com os conhecimentos que possui, bem como pode ameaçar a humanidade, destruindo a vida.

Diante do contexto acima, entendemos as palavras de João Paulo II na *Evangelium Vitae*, carregadas de solidariedade e da clareza do anúncio a ser realizado: “Em profunda comunhão com cada irmão e irmã na fé e animado por sincera amizade para com todos,

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, nº 175.

³⁵ Cf. AGOSTINI, N., *As Conferências Episcopais: América Latina e Caribe*, Aparecida, Editora Santuário, 2007, p. 86-92.

³⁶ *Constituição pastoral “Gaudium et Spes”*, nº 27, in VIER, F (coord.), *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*, 22ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1991, p. 171.

³⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica “Veritatis Splendor”*, col. “Documentos Pontifícios” nº 255, Petrópolis, Editora Vozes, 1993, nº 4, p. 7.

quero *mediar e anunciar o Evangelho da vida...* para enfrentar os desafios sempre novos que encontramos no nosso caminho”³⁸.

Deus nos chama à vida. É seu grande chamado. “Escolhe a vida para que vivas com tua descendência. Pois isto significa vida para ti e tua permanência estável sobre a terra...” (Dt 30, 19b.20b). No centro da mensagem de Jesus, encontramos também o anúncio do Evangelho da vida. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10).

Hoje, urge criar uma cultura da vida. Precisamos de profetas destemidos em favor da vida. No centro da missão evangelizadora está a dimensão profética. Esta aguça a nossa consciência e leva-nos a agir nas seguintes direções: superação do relativismo na sociedade pluralista, superação da desigualdade e da miséria persistentes, respeito da vida diante dos avanços da ciência.

A dimensão profética é crítica sempre que está em jogo a dignidade humana, a sacralidade da vida, a justiça social e a salvaguarda da criação; ela alimenta a esperança no bem, na verdade e na justiça. Apresenta uma visão integral da vida, valorizando todas as dimensões do ser humano, buscando a sua integração e maturidade, e inclui o cuidado responsável por todas as formas de vida neste planeta.

“Chegou a hora de uma clara *afirmação da vida* que vá além do uso da própria força ofensiva e defensiva, o que é o próprio do animal, que vá além de uma racionalidade e do poder que buscam subjugar os mais fracos através do uso hábil das armas, do dinheiro e da ideologia. Urge, em nossos dias, uma clara *afirmação da vida* enquanto recusa do injustificável e como crítica ético-profética; a recusa do injustificável de opções parciais, redutoras e violentas no esquecimento da dignidade do ser humano... Isto cria a necessidade de *resistir*, recusando o relativo, fazendo existir a ética... Soou a hora de um ‘sim’ à vida, assim como Deus mesmo já o pronunciara”³⁹.

³⁸ IDEM, *Carta encíclica “Evangelium Vitae”*, col. “Documentos Pontifícios” nº 264, Petrópolis, Editora Vozes, 1995, nº 6, p. 9.

³⁹ AGOSTINI, N., *op. cit.*, p. 92.